

A MATERIALIDADE DAS ESCOLAS MODERNAS EM SÃO PAULO: UMA JORNADA PELOS OBJETOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Data de submissão: 23/09/2023

Data de aceite: 02/10/2023

Marcos de Almeida Henriques

Universidade Federal de São Paulo –

Unifesp

São Paulo – SP

<http://lattes.cnpq.br/1545935552977119>

<https://orcid.org/0009-0002-4284-727X>

RESUMO: O objetivo desse estudo é o de analisar a relação entre a materialidade das Escolas Modernas de São Paulo, em funcionamento de 1911 a 1919, e suas práticas pedagógicas. Ao investigarmos os objetos, mobiliários e recursos presentes nessas instituições, observamos as possibilidades de compreender como esses elementos específicos moldaram abordagens educacionais únicas. Embora enfrentassem limitações de recursos, as Escolas Modernas buscaram oferecer uma educação prática em ciências naturais, estimulando os sentidos dos alunos e transformando o ambiente escolar em uma experiência envolvente de aprendizado. Além disso, destacamos a importância dos passeios pela cidade como parte integral do processo educacional. Identificamos resquícios de métodos tradicionais de ensino, evidenciando dualidade nas

práticas pedagógicas. Essas conclusões ressaltam a influência da materialidade na compreensão das particularidades das Escolas Modernas de São Paulo e como essa materialidade singular moldou suas práticas educacionais distintas.

PALAVRAS-CHAVE: Escolas Modernas. Materialidade. Racionalismo Humanitário. Francisco Ferrer y Guardia. Educação Anarquista.

THE MATERIALITY OF MODERN SCHOOLS IN SÃO PAULO: A JOURNEY THROUGH OBJECTS AND PEDAGOGICAL PRACTICES

ABSTRACT: The objective of this study is to analyze the relationship between the materiality of the Modern Schools of São Paulo, in operation from 1911 to 1919, and their pedagogical practices. By investigating the objects, furniture and resources present in these institutions, we observe the possibilities of understanding how these specific elements shaped unique educational approaches. Although they faced resource constraints, Modern Schools sought to provide a practical education in natural sciences, stimulating students' senses and transforming the school

environment into an engaging learning experience. Furthermore, we highlight the importance of city tours as an integral part of the educational process. We identified remnants of traditional teaching methods, highlighting duality in pedagogical practices. These conclusions highlight the influence of materiality in understanding the particularities of the Modern Schools of São Paulo and how this unique materiality shaped their distinct educational practices.

KEYWORDS: Modern Schools. Materiality. Humanitarian Rationalism. Francisco Ferrer y Guardia. Anarchist Education.

INTRODUÇÃO

Em 1901, o educador espanhol Francisco Ferrer y Guardia fundou uma instituição de ensino denominada “Escola Moderna” na cidade de Barcelona, na Espanha. O objetivo dessa instituição era o de oferecer uma educação baseada em conceitos humanísticos, cumprindo o papel de desempenhar um contraponto ao ensino oferecido pelo Estado e pela Igreja. Ferrer acreditava firmemente em uma educação laica, racionalista e libertária, que promovesse o pensamento crítico e a emancipação dos estudantes. Sua abordagem pedagógica era fundamentada no “Racionalismo Humanitário”, criado e desenvolvido pelo próprio educador, que buscava substituir métodos tradicionais de ensino por abordagens mais modernas e centradas no aluno.

Na sua juventude, Francisco Ferrer foi encaminhado pela sua família para trabalhar em Barcelona, onde ocupou cargos nas linhas ferroviárias e atuou como instrutor de espanhol. Durante suas viagens pela Europa, estabeleceu conexões significativas com vários ativistas anarquistas e instituições educacionais progressistas da época. Esses encontros tiveram um impacto substancial em sua visão de mundo, resultando em uma postura anticlerical e republicana radical.

Anos mais tarde, após oito anos a frente da Escola Moderna de Barcelona, Ferrer foi acusado de ser o mentor intelectual de um atentado contra o rei Alfonso XIII e, posteriormente, de incitar a insurreição popular conhecida como Semana Trágica, em 1909¹. Essas acusações culminaram na prisão de Ferrer na fortaleza de Montjuic em 1909. Durante seu encarceramento, ele escreveu o livro “A Escola Moderna”, no qual compartilhou suas experiências, concepções pedagógicas e críticas ao ensino tradicional, sobretudo o religioso, além de detalhar elementos do método educacional empregado pela Escola Moderna de Barcelona.

Ferrer foi declarado culpado e condenado à pena de morte pelo tribunal militar espanhol. Em 13 de outubro de 1909, o educador foi executado por fuzilamento, provocando indignação e protestos em diversos países, inclusive no Brasil, que retratava Ferrer como um “mártir da educação popular” através da imprensa operária. O jornal “A Lanterna”, em sua primeira edição publicada quatro dias após a execução de Ferrer, compartilhou as

¹ As informações bibliográficas sobre Francisco Ferrer y Guardia foram retiradas da contracapa da obra “A Escola Moderna”, livro escrito pelo próprio educador em 1909 e publicado no Brasil em 2014: GUARDIA, Francisco Ferrer. **A Escola Moderna**, São Paulo, Terra Livre, 2014.

impressões dos jornalistas sobre os acontecimentos recentes ocorridos na fortaleza de Montjuic, na Espanha:

O grande crime foi consumado. Francisco Ferrer, o ilustre pensador espanhol, o ilustre e talentoso apóstolo da educação popular, acaba de ser assassinado nos calabouços de Montjuic, caindo como um novo Galileu, como um novo Giordano Bruno, como um novo Servet, vítima do fanatismo inquisitorial da canalha jesuítica, dessa raça maldita de insaciáveis. Torquemadas, que, como um imenso bando de urubus, erguem-se sobre a Terra quase eclipsando o sol, envolvendo-a em tenebrosa noite com a negrura de suas asas. Não diremos que o monstruoso crime do califa inquisitor nos tomou de surpresa. Nós esperávamos tão cruel desenlace. (A LANTERNA n° 1, 17 de outubro de 1909, pág. 1)

As nove edições iniciais do jornal “A Lanterna” destacaram matérias relacionadas a Francisco Ferrer na primeira página, evidenciando o comprometimento dos responsáveis por esse periódico em difundir as concepções pedagógicas do Racionalismo Humanitário entre a classe operária. Especificamente, a sétima edição, publicada em 27 de novembro de 1909, incluiu um artigo intitulado “A Escola Moderna em São Paulo,” que relatou os primeiros esforços empreendidos para a criação de uma instituição de ensino baseada no modelo da Escola Moderna na cidade de São Paulo:

Pelo que abaixo se vai ler podemos desde já garantir que o ensino livre, racional, alheio às injunções do clero mentiroso, vai ser um fato, podendo assim a obra do grande Ferrer ser continuada em S. Paulo. Esperamos que todos os livres pensadores, interessando-se vivamente por esta obra, não deixarão de enviar donativos ao comitê promotor da grandiosa ideia. (A LANTERNA n° 7, 27 de novembro de 1909, pág. 1)

O mencionado artigo proclamava a formação do Comitê Pró-Escola Moderna, cuja fundação ocorreu em uma assembleia realizada em 17 de novembro de 1909. Dentre os propósitos estabelecidos pelo comitê recém-criado, incluíam-se a disseminação dos princípios do ensino racionalista e o estabelecimento de uma Escola Moderna na cidade de São Paulo. A consecução desses objetivos estava prevista por meio da coleta de doações, organização de eventos festivos, arrecadação por meio de conferências pagas e por meio da promoção de listas de contribuições financeiras.

A experiência da Escola Moderna de Barcelona serviu de inspiração para várias instituições de ensino ao redor do mundo, incluindo duas escolas inauguradas em São Paulo em 1912: a Escola Moderna n° 1, no bairro do Belém, e a Escola Moderna n° 2, no bairro do Brás. Essas escolas ganharam destaque nos jornais operários da época devido ao seu método de ensino “racionalista” e à promessa de eliminar os princípios religiosos da educação, capacitando as crianças a pensarem de forma independente (Boletim da Escola Moderna n° 3 e n° 4, 01 de maio de 1919, P. 4).

As Escolas Modernas paulistas produziram dois periódicos educacionais. Trata-se dos jornais *O Início* (1914 – 1916) e o *Boletim da Escola Moderna* (1918 – 1919),

produzidos e editados por João Camargo Penteado, diretor e professor da Escola Moderna nº1, que passou grande parte da sua vida envolvido em questões educacionais e foi um ativo militante do movimento operário da época. A maior parte das informações disponíveis sobre a rotina e as práticas educacionais nas Escolas Modernas até o presente momento provém desses periódicos, os quais serão detalhados posteriormente.

Esses documentos revelaram-se fontes valiosas de informação sobre o processo de aprendizagem dos alunos e a perspectiva que esses estudantes tinham do mundo ao seu redor. Além disso, eles oferecem importantes informações sobre algumas das práticas pedagógicas adotadas pelos professores, que frequentemente registraram suas visões e crenças sobre a educação que estavam proporcionando. Esses jornais também evidenciam, em certa medida, como essas atividades eram assimiladas no ambiente escolar e reinterpretadas à luz da perspectiva e compreensão dos estudantes.

O jornal *O Início (1914-1916)* surgiu com múltiplos propósitos aparentes. Em primeiro lugar, apresentava uma natureza pedagógica evidente, publicando redações dos alunos e atividades relacionadas à rotina escolar. Ao mesmo tempo em que era utilizado com fins pedagógicos, transformava a prática jornalística em uma ferramenta didática, incentivando a cooperação entre os estudantes. Sua produção estava intrinsecamente ligada às atividades realizadas pelos alunos da escola, abrangendo a publicação de redações, exercícios realizados no contexto escolar, estudos de campo realizados em diversas localidades de São Paulo e artigos escritos por alguns estudantes abordando temas como política e história.

O periódico *Boletim da Escola Moderna (1918 – 1919)*, tinha uma dinâmica distinta, uma vez que não contava com a participação direta dos estudantes, sendo elaborado pelos próprios professores e mantenedores das escolas. Seu propósito central era informar e educar os leitores sobre o método de ensino de Francisco Ferrer y Guardia, bem como destacar as conquistas do proletariado e discutir eventos históricos relacionados à luta operária. Era claramente utilizado como uma ferramenta de propaganda, mas também servia como fonte de informações sobre o cotidiano das Escolas Modernas e o tipo de educação que essas instituições ofereciam.

Muitos trabalhos acadêmicos têm sido dedicados ao estudo das Escolas Modernas. Em grande parte, a análise desse tema tem se concentrado na sua relevância no contexto do movimento operário. Essas escolas são frequentemente examinadas como contrapartes ao sistema educacional estatal e religioso, sendo consideradas um marco significativo no âmbito da militância anarquista com foco na educação em São Paulo. No entanto, ainda existem diversas oportunidades de pesquisa relacionadas ao tema, especialmente quando se trata de investigar a materialidade das escolas, como sua infraestrutura física, recursos disponíveis, métodos de ensino específicos e como esses elementos contribuíram para a experiência educacional nas Escolas Modernas.

A investigação da materialidade das Escolas Modernas emerge como um campo

de estudo de extrema relevância para compreendermos não apenas a história dessas instituições, mas também a influência que exerceram sobre a educação e o movimento operário na São Paulo do século XX. Dessa forma, este estudo visa preencher lacunas no nosso entendimento das Escolas Modernas, enriquecendo a narrativa histórica dessas instituições e contribuindo para uma apreciação mais abrangente do seu impacto na educação e no movimento operário em São Paulo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, centrada na análise dos aspectos físicos, recursos disponíveis e métodos de ensino empregados nessas escolas, reveste-se de importância por diversas razões. Primeiramente, a materialidade das Escolas Modernas nos fornece uma visão concreta e tangível dessas instituições, permitindo-nos compreender como eram estruturadas fisicamente, quais recursos estavam à disposição dos professores e dos alunos, e de que maneira esses elementos contribuíram para a experiência educacional. Ao explorar a infraestrutura física das escolas, podemos identificar como o ambiente escolar foi moldado para refletir os ideais pedagógicos e políticos do movimento anarquista, o que por sua vez influenciou a maneira como o conhecimento era transmitido e absorvido.

Além disso, a análise da materialidade das Escolas Modernas também nos permite compreender as restrições e desafios enfrentados por essas instituições. Dada a natureza muitas vezes precária dos recursos disponíveis, essa pesquisa pode ajudar a lançar luz sobre como as escolas operaram em condições adversas e como os educadores anarquistas enfrentaram tais desafios.

Por último, a investigação da materialidade das Escolas Modernas nos auxilia a contextualizar as práticas pedagógicas específicas que foram adotadas. A infraestrutura e os recursos disponíveis influenciaram diretamente os métodos de ensino e as estratégias pedagógicas utilizadas, e, portanto, ao compreender a materialidade, podemos traçar conexões mais precisas entre o ambiente físico das escolas e as abordagens educacionais empregadas.

O estudo da cultura material escolar emergiu como um campo de pesquisa em crescimento nas últimas décadas, com particular destaque no âmbito da História da Educação. De acordo com Silva (2015), a cultura material escolar abrange “um conjunto de objetos, mobiliários, equipamentos, materiais didáticos e pedagógicos, espaços arquitetônicos, uniformes e vestimentas, símbolos, rituais e tradições que caracterizam e constituem a escola em sua dimensão material” (p. 8).

A análise da cultura material escolar desempenha um papel crucial na ampliação da compreensão da história da educação e das dinâmicas entre professores e alunos ao longo do tempo. Conforme enfatizado por Vianna (2008), a cultura material escolar proporciona um valiosas informações sobre a estrutura e funcionamento das instituições de

ensino, as interações entre os atores educacionais, os métodos de ensino e aprendizado, as estratégias disciplinares e as representações sociais e culturais presentes no contexto escolar.

A principal fonte de informações sobre a materialidade dessas instituições reside nos relatos contidos nos periódicos *O Início (1916 - 1916)* e no *Boletim da Escola Moderna (1918 - 1919)*. Essas fontes documentam de maneira detalhada e direta diversos aspectos relacionados à cultura material escolar das Escolas Modernas.

Os relatos presentes nesses periódicos podem ser considerados como uma valiosa fonte de informações sobre a infraestrutura física das escolas, os recursos educacionais disponíveis, os materiais didáticos utilizados e até mesmo sobre as práticas pedagógicas empregadas naquelas instituições. Por meio da análise sistemática dessas fontes, é possível reconstruir uma imagem sólida da materialidade das Escolas Modernas, mesmo em face da carência de registros fotográficos ou de edifícios preservados.

Para a pesquisa, torna-se essencial adotar uma abordagem crítica e contextualizada ao examinar os relatos presentes nos periódicos mencionados. Ao analisar esses registros, é possível identificar padrões, tendências e nuances que podem lançar luz sobre como a cultura material escolar das Escolas Modernas foi moldada e como se relacionava com o contexto educacional e social da época.

Desta forma, a análise cuidadosa e criteriosa dos relatos contidos no *O Início (1914 - 1916)* e no *Boletim da Escola Moderna (1918 - 1919)* desempenha um papel crucial na compreensão da importância da materialidade dessas instituições educacionais, permitindo-nos desvendar os segredos da sua estrutura, funcionamento e influência no movimento operário e na educação em São Paulo durante o século XX.

DESENVOLVIMENTO, RESULTADOS E DISCUSSÃO

As Escolas Modernas operaram em São Paulo entre os anos de 1911 e 1919, quando encerraram suas atividades e foram fechadas. Até o presente momento, as informações concernentes à materialidade dessas instituições são limitadas, no entanto, com base nas fontes disponíveis, é possível formular algumas indagações relevantes.

Uma das poucas representações visuais da Escola Moderna nº 1 remonta a 1913, período em que esta unidade educacional estava situada na Rua Saldanha Marinho, nº 58, no bairro do Belenzinho. A fotografia preservada captura a fachada da escola, além de retratar o professor João Penteado, sua irmã, Sebastiana Penteado e os estudantes envolvidos no contexto.



Figura 1: Professores e alunos em frente à Escola Moderna N.1, 1913

Fonte: Arquivo João Penteadó, CME/FEUSP, (2021).

A maior parte das informações disponíveis sobre a materialidade das Escolas Modernas provém das narrações feitas pelos próprios estudantes, as quais foram documentadas nos periódicos escolares da época. No jornal *O Início* (1914 – 1916), eram apresentadas atividades denominadas “Redações Descritivas”, nas quais os alunos se exercitavam na tarefa de descrever os objetos ao seu redor. Em algumas ocasiões, essas atividades foram realizadas no contexto das instalações escolares.

Dentre os relatos elaborados pelos estudantes das Escolas Modernas e posteriormente publicados no jornal “O Início”, é possível encontrar descrições referentes ao mobiliário escolar e alguns recursos pedagógicos que compunham o ambiente da sala de aula. Essas narrativas fornecem valiosos indícios para uma melhor compreensão da materialidade das Escolas Modernas.

Na sala de aula: Estou vendo sobre uma caixa, uma tesoura, uma navalha, um livro chamado História do Brasil, um livro chamado Dicionário do Brasil, uma pedra, uma aritmética, uma faca, uma pedra mármore, uma tampa de tinteiro, uma garrafa, uma caixinha de penas, um apagador, uma Geografia da Infância, um saca-rolha, o jornal “A Voz do Trabalhador”, duas folhinhas, um quadro-negro, cinco mapas, um globo terrestre, um quadro com o retrato de Francisco Ferrer, um armário, uma mala, dois papelões e uma lata vazia. (Escola Moderna - O INÍCIO nº 2, 04 de setembro de 1915, p. 3)

Por meio dessas descrições, torna-se evidente a presença de particularidades notáveis no interior da sala de aula da Escola Moderna. A inclusão do retrato de Francisco Ferrer parece sugerir a intenção dos professores e mantenedores dessa instituição de

estabelecer um simbolismo associado à figura inspiradora por trás da criação dessas unidades de ensino. Este gesto provavelmente buscava homenagear o educador catalão, ao mesmo tempo em que transformava esse simbolismo em uma ferramenta de propaganda voltada para os estudantes.

A presença do jornal “A Voz do Trabalhador” suscita algumas indagações intrigantes. Seria esse jornal utilizado como um recurso pedagógico pelos professores, empregado para conduzir atividades educacionais, ou simplesmente indicaria a presença de um leitor desse periódico entre os presentes na sala de aula?

Embora, até o presente momento, não existam fontes disponíveis para esclarecer definitivamente essas questões, a presença do jornal “A Voz do Trabalhador” no ambiente da sala de aula permite-nos conjecturar algumas conclusões. Este periódico, originado de um acordo da Confederação Operária Brasileira (COB) em julho de 1906, estabeleceu a seguinte diretriz:

A organização deveria se encarregar de “estudar e propagar os meios de emancipação do proletariado e defender em público as reivindicações econômicas em todos os meios de propaganda conhecidos, nomeadamente através de um jornal que se intitulará A Voz do Trabalhador” (PINHEIRO; HALL, 1979, p. 42).

Nesse contexto, a existência do jornal na sala de aula pode indicar uma possível conexão entre a educação ministrada nas Escolas Modernas e as preocupações e ideais do movimento operário da época, representados por meio do periódico. No entanto, investigações adicionais são necessárias para confirmar essas conjecturas e proporcionar uma compreensão mais completa dessa dinâmica educacional.

A presença do mencionado periódico no ambiente da sala de aula sugere a exposição dos estudantes aos valores ideológicos de um segmento particular da classe trabalhadora no contexto das Escolas Modernas. Em 1915, período em que a descrição do estudante foi publicada no jornal *O Início (1914 – 1916)*, o jornal “A Voz do Trabalhador” vivenciava seu auge em termos de distribuição e alcance, atingindo uma tiragem de 4000 exemplares por edição:

Nesse período, o jornal também terá uma tiragem mais expressiva, chegando aos 4.000 exemplares por número até o final de sua publicação, em 1915. Em sua segunda fase, A Voz do Trabalhador contou com 47 números publicados. Apesar de editado e distribuído majoritariamente no Rio, os balancetes publicados no jornal mostram que A Voz do Trabalhador teve uma distribuição considerável a nível nacional e podia ser encontrado nas sedes das associações aderidas à COB, em centros operários e bibliotecas. (KNEVITZ, 2019, p. 2)

Isso indica que o jornal desempenhou um papel significativo como meio de comunicação e difusão de ideias entre a classe trabalhadora naquele momento. Sua presença na sala de aula pode ser interpretada como uma estratégia de inserção dos princípios e ideais associados ao movimento operário dentro do ambiente educacional das

Escolas Modernas. Essa conexão entre a escola e o jornal evidencia uma possível relação direta entre o currículo escolar e os valores defendidos pela imprensa operária da época, demonstrando a influência do contexto sociopolítico no ambiente educacional. No entanto, a profundidade e a extensão dessa influência demandam uma investigação mais detalhada e abrangente.

A presença de mapas e de um globo terrestre na sala de aula reflete a intenção dos professores em incorporar recursos visuais às práticas pedagógicas das Escolas Modernas. A utilização desses objetos alinhava-se ao método amplamente divulgado nos documentos relacionados a essas instituições, conhecido como Método Intuitivo. Essa abordagem priorizava o início das lições com o uso de objetos, buscando estimular a utilização dos sentidos nas atividades educacionais. A introdução de mapas como recurso didático é particularmente relevante, uma vez que esses instrumentos proporcionavam uma aprendizagem mais significativa para os estudantes.

A presença de livros também pode ser inferida pela mesma descrição. Naquele período, observa-se a existência de exemplares denominados “História do Brasil”, “Dicionário do Brasil” e uma “Geografia da Infância” na sala de aula. Embora não haja documentos que confirmem que os estudantes possuíam suas próprias cópias desses livros, é possível conjecturar que esses recursos foram utilizados, pelo menos em parte, pelo professor. É plausível que trechos dessas obras tenham sido reproduzidos no quadro negro, além de terem sido possivelmente empregados em atividades de leitura conduzidas pelos próprios alunos.

A presença desses materiais, que compõem o ambiente cotidiano escolar e que muitas vezes são subestimados em pesquisas, desempenha um papel significativo na compreensão das práticas escolares. A existência do quadro negro, apagador, penas, tinteiro, livros e mapas, embora comuns no contexto da maioria das escolas da época, revela práticas associadas à construção do conhecimento escolar. A utilização desses objetos influenciava diretamente a condução das práticas pedagógicas e o dia a dia na sala de aula, proporcionando um contexto enriquecedor para o estudo da materialidade das Escolas Modernas.

Levando em consideração as dificuldades de se tentar categorizar o que é um material, podemos dizer que os materiais só adquirem uma existência enquanto tais, porque estão diretamente ligados à produção de determinado conhecimento escolar e por isso são percebidos no campo de representações e imagens dos alunos, o que nos leva às considerações bergsonianas quanto ao conceito de matéria. (JUNIOR, 2005, p. 159)

Esses objetos, embora considerados comuns nas escolas, desempenham um papel essencial no contexto do trabalho escolar. Como salientado por Lawn e Grosvenor (2001), são “objetos que circulam constantemente e que são comuns demais para serem mencionados: Lápis, tesouras, régua, compassos, borrachas, apontadores, livros

didáticos, frascos de tinta e canetas”² (p. 124).

A configuração dessas práticas pedagógicas é fortemente influenciada pelas interações com esses objetos. O desenvolvimento dessas práticas é concebido com base na presença desses instrumentos na sala de aula e nas possibilidades que eles oferecem. O quadro negro, por exemplo, é uma ferramenta amplamente utilizada nas escolas e está associado à imitação do trabalho do professor pelos alunos, frequentemente através de cadernos de cópia, ou serve como suporte para explicações sobre conteúdos específicos. Esses materiais, provavelmente, podem ser categorizados como “tecnologias discretas”³, conforme delineado por Martin Lawn e Ian Grosvenor (2001, p. 124). Além do quadro negro, outros recursos presentes, como os livros, mapas e o globo terrestre, demonstram as múltiplas possibilidades de atividades que ocorrem dentro de uma sala de aula específica.

Em outra descrição, elaborada pelo estudante Guilherme Sanches Garcia, é possível observar a presença de outros elementos do mobiliário dentro da sala de aula:

Eu vejo nesta sala de aula duas mesas, quatro bancos, duas cadeiras, três janelas, um quadro negro, duas estantes, 11 chapéus, uma talha de água, duas lâmpadas de luz elétrica, sendo: uma de 20 velas e outra de 50, um relógio, uma folhinha, um vidro de goma arábica, um apontador, 40 figuras, quatro retratos, um globo, 15 carteiras, uma mesa, um piano e um copo. (Escola Moderna - O INÍCIO nº 3, 19 de agosto de 1916, p. 2)

A abundância de mobiliário e objetos mencionados nessa descrição suscita reflexões sobre o espaço físico das salas de aula nas Escolas Modernas. A alocação desses itens demandava um espaço amplo o suficiente para acomodar quinze carteiras, quatro bancos, duas estantes, duas mesas, três janelas e um cabide que comportasse, no mínimo, onze chapéus, além de um piano.

O destaque dado ao piano é notável, uma vez que não existem outras referências documentadas sobre a presença desse instrumento nas Escolas Modernas. No entanto, é sabido que essas instituições ofereciam aulas de música. Um anúncio publicado em uma das edições de “O Início”, datado de 19 de agosto de 1916, atesta o funcionamento das aulas de música, acrescentando um novo componente ao cenário educacional dessas escolas:

Acham-se funcionando as aulas do curso preparatório para artífices e as de música, as quais já tem regular frequência de alunos, tendo por professores, respectivamente, os senhores dr. Leopoldo Guedes e Alfredo Avella. (Escola Moderna - O INÍCIO nº 3, 19 de agosto de 1916, p. 4)

Esses detalhes da materialidade da sala de aula, combinados com a inclusão do piano, sugerem a diversidade de experiências educacionais proporcionadas pelas Escolas Modernas, indo além do ensino convencional e incorporando elementos de educação musical. Essa revelação enriquece nossa compreensão do ambiente educacional e das

2 Do original em inglês: “objects that circulate constantly and are too commonplace to mention: pencils, scissors, exercise books, rulers, compasses, rubbers, pencil sharpeners, textbooks, ink bottles and pens”

3 Do original em inglês “low-key technologies”

práticas pedagógicas das Escolas Modernas.

A ampla divulgação do uso de cantos, hinos e recitações de poesias nos periódicos da Escola Moderna, especialmente durante os eventos escolares, é uma característica marcante. É plausível considerar que o piano tenha desempenhado um papel fundamental nessas ocasiões, possivelmente utilizado para acompanhar os cânticos e, talvez, para ensaios dos estudantes visando tais eventos. É relevante destacar que essas atividades não eram meramente preparatórias para festas, mas também funcionavam como um meio de saudação e interação entre os estudantes das duas unidades das Escolas Modernas.

Em um relato que descreve a visita dos estudantes da Escola Moderna nº 1 à Escola Moderna nº 2, é possível discernir detalhes sobre a realização dessas atividades e as impressões do Estudante Pedro G. Passos sobre as paisagens urbanas durante a caminhada até a segunda unidade das Escolas Modernas. Esse episódio ilustra a importância das atividades culturais não apenas como parte integrante da educação nas Escolas Modernas, mas também como elementos que promoviam o contato e a confraternização entre os estudantes das distintas unidades educacionais.

Nossa visita à Escola Moderna nº 2. Sábado, dia 20 de junho de 1914, nós fomos visitar à Escola Moderna nº 2, da qual é professor Adelino de Pinho. Saímos daqui a uma hora, descemos a Rua Saldanha Marinho e pegamos a Avenida Celso Garcia. Nela vimos dois carretéis grandes de canos para encanamento de gás e mais dois pequenos de arame grosso para a rede elétrica. Eu vi também uma preta tocando viola na mesma avenida. Depois chegamos ao jardim da Concórdia e vimos o teatro Colombo. A frente dele vimos belos anúncios de fitas cinematográficas. Dali nos dirigimos a Escola Moderna nº 2. Nela nos demoramos até as duas e meia. Fomos bem recebidos. Os meninos de lá recitaram e cantaram e nós também fizemos a mesma coisa. O professor Adelino de Pinho também recitou e nos fez uma saudação. Na volta o Carlos Lampo descontentou ao nosso professor, por que brigou com um pobre menino que estava distribuindo anúncios na rua. Foi bom o passeio. Eu gostei de ouvir os cantos e recitativos daqueles colegas. (Escola Moderna - O INICIO nº 2, 04 de setembro de 1915, p. 3)

Em uma publicação que descreve uma das festas escolares com a participação de alunos de ambas as unidades de ensino, foram registrados os títulos de algumas das canções e hinos apresentados durante o evento. Essa documentação proporciona uma visão mais concreta das atividades culturais que eram valorizadas nas Escolas Modernas e, ao mesmo tempo, revela a importância desses momentos de celebração e intercâmbio entre as duas unidades educacionais:

A festa realizada no dia 14 do corrente pela nossa escola esteve deveras magnífica, produzindo a mais bela impressão no espírito da assistência que não nos regateou aplausos. [...] Em seguida foi cantado, em coro, o “Canto dos Operários”, de Neno Vasco. Depois seguiram-se outros hinos: “As Crianças”, “A Mulher”, “A Força” e “A Instrução”, que foram cantados em conjunto. [...] A parte referente à recitação de poesias foi confiada aos alunos das duas escolas, que recitaram: Augusto Câmara, “Meus Companheiros”, “A Abobora e a Bolota” e “Aproveitai o Tempo”; Alberto Cardoso, “As Vantagens

do Saber” e “O Prior e o Defunto”; Nilo Leuenroth, “A Mulher Teimosa” “Antônio” e “A União; [...] O festival foi encerrado com o canto do hino A instrução, seguindo se logo uma bela conferência pelo professor Adelino de Pinho, da Escola Moderna nº 2. A quermesse a este tempo (pouco menos de meia noite) já tinha sido esgotada, até a última prenda. O baile, então, teve começo para a satisfação de tantos rapazes e raparigas que não pensam noutra prazer em sua vida. (Escola Moderna - O INÍCIO nº 2, 04 de setembro de 1915, p. 1)

Os cantos, hinos e recitações podem ser enquadrados como objetos materiais dentro do contexto da sala de aula? A perspectiva de Laerthe de Moraes Abreu Junior sobre essa questão acrescenta uma dimensão relevante:

[...] O som não é, também, um objeto físico? Invisível, sim, mas perfeitamente audível? E como esse objeto é importante nas práticas escolares! O tempo das aulas não é marcado pela condução oral do professor? Não é ele quem sempre está falando? E, por outro lado, a sala de aula não é, também, um lugar preenchido ininterruptamente por muitos sons permitidos, quando o professor autoriza o aluno a se manifestar, assim como por sons proibidos, quando o professor exige silêncio? (JUNIOR, 2005, p. 159)

A citação de Laerthe de Moraes Abreu Junior levanta questões fundamentais sobre a natureza do som como um objeto material e sua importância nas práticas escolares. Embora o som seja invisível e não tangível no sentido tradicional, ele desempenha um papel crucial na dinâmica da sala de aula.

Nas Escolas Modernas, onde a ênfase era colocada na participação ativa dos estudantes e na construção do conhecimento através do diálogo, o som desempenhava um papel essencial. O professor, como mediador do processo de aprendizagem, ocupava um espaço central na sala de aula, marcando o tempo das aulas com sua condução oral. Era ele quem fornecia orientação, estimulava discussões e fornecia informações.

Além disso, o som na sala de aula também era representativo das dinâmicas sociais. A permissão para que os alunos se manifestassem criava um ambiente de aprendizado participativo, onde o diálogo era encorajado. Por outro lado, a exigência de silêncio, representada pelos sons proibidos, era fundamental para a organização e o controle do ambiente escolar.

Portanto, essa reflexão nos lembra que o som, embora intangível, era um elemento materialmente presente nas Escolas Modernas. Ele não apenas marcava o ritmo das aulas, mas também refletia a interação dinâmica entre professores e alunos, contribuindo para a construção do conhecimento e a promoção de um ambiente educacional colaborativo e participativo, características distintivas das Escolas Modernas.

O teor das canções, hinos e recitações apresenta a possibilidade de esclarecer diversas questões relacionadas às práticas pedagógicas, valores morais e aspectos ideológicos que permearam as Escolas Modernas. No entanto, é lamentável constatar a ausência de registros que detalhem o conteúdo desses elementos na documentação

disponível até o momento. Uma contribuição relevante a essa lacuna foi oferecida pelo professor Flávio Venâncio Luizetto em sua tese de doutorado, na qual relata seu contato com um caderno atribuído ao estudante Cesário Cavassi. Este caderno, em princípio, possuiria registros das mencionadas canções e hinos, mas tais conteúdos foram removidos do caderno do referido estudante e, infelizmente, não chegaram até os dias atuais.

As folhas destinadas aos hinos foram, infelizmente, arrancadas, restando apenas a última, onde o aluno, apesar de vários erros gramaticais, preparou, com capricho, um “Índice”: “A Marselhesa da Paz”, “A Avezinha”, “Marcha”, “O dia”, “Marcha do Carpinteiro”, “O passarinho”, “O Café”, “Hino as aves”, “A infância”, “O pintassilgo”. (LUIZETTO, 1984, p. 280)

O referido caderno em questão também abrigava um documento manuscrito, desprovido de data, intitulado “Inventário da Escola Moderna nº 1”. Conforme descrito por Luizetto, o caderno em si era comum, apresentando uma capa dura, e originalmente teria sido designado para ser um “Hinário da Escola Moderna nº 1”. Notavelmente, João Penteado, de acordo com a etiqueta, fez uso deste caderno para colar recortes de alguns de seus próprios artigos (LUIZETTO, 1984, p. 280).

A transcrição do conteúdo desse manuscrito, denominado “Inventário da Escola Moderna nº 1,” pode ser visualizada a seguir:

5 lâmpadas elétricas	1 projectoscópio
1 globo geográfico – 33 – relevo	1 coleção de sólidos
1 livro de botânica	1 livro de mineralogia
1 livro de gramática – Figueiredo	1 livro de gramática histórica
1 livro de gramática expositiva	1 atlas zoológico
1 exercício de ginastica	1 globo geográfico pequeno
1 bussola	1 aço imantado
1 giroscópio	27 carteiras
2 quadros-negros pequenos	1 quadro-negro grande
2 estantes de livros	1 quadro com o retrato de Ferrer
1 dicionário velho por C. Figueiredo	2 cabides
1 armário para arquivo	1 mesa pequena
1 lanterna mágica estragada	1 mapa do Brasil, novo
1 mapa de São Paulo, novo	1 ABC dos termos geográficos, novo
1 mapa da Itália, velho	1 mapa da América do Sul, velho
1 mapa da América do Norte, velho	1 mapa do sistema métrico decimal, velho
1 mapa do Brasil, velho	3 cartazes com mapas da França
1 livro La Petite Cendrillon	1 livro La Meuniere du Moulin Joli
1 livro La Fille du Sonneur des cloches	1 livro Rose et Blanche
2 livros Ore di Recreazione	1 livro L’ Invidioso, il bugiardo e il maldicente
1 livro Les Mystères du Temple	1 Une Collaboration
1 Commediale per l’infanzia	16 livros diversos escolares, em francês

1 iniciação química	1 iniciação astronômica
1 iniciação zoológica	1 iniciação botânica
1 caixa com giz	4 cadeiras de palhinha
2 escovas para lousa, estragadas	1 livro de matrícula, em uso
1 livro de ponto já usado	14 cadernos de caligrafia, em branco
1 jogo de barra fixa para recreio	1 aparelho de balanço para recreio
Diversas coleções de postais ilustrados	1 biombo para gabinete de toilette

Tabela 1: Inventário Escola Moderna nº 1

Fonte: LUIZETTO, (1984, p. 280).

A tabela apresentada oferece uma visão detalhada dos recursos materiais e objetos presentes nas instalações dessa escola específica. A análise dessa lista revela informações interessantes sobre a infraestrutura e os recursos educacionais disponíveis nas Escolas Modernas, bem como pode levantar questões sobre a sua utilização e importância. Os recursos educacionais variados incluem uma ampla gama de materiais de ensino, como livros de botânica, mineralogia, gramática e outros títulos educacionais. Isso sugere uma ênfase na educação abrangente, abordando diferentes disciplinas e áreas de conhecimento.

Além disso, há uma ênfase significativa em recursos geográficos, como mapas do Brasil, São Paulo, América do Sul, América do Norte e outros. Isso indica um foco no ensino da geografia, abrangendo aspectos físicos e políticos. Outros recursos, como um giroscópio, uma coleção de sólidos e um projectoscópio, sugerem uma abordagem prática e experimental no ensino de ciências. Esses recursos eram provavelmente usados para demonstrações em sala de aula.

A presença de livros infantis e outros títulos aponta para um compromisso com a literatura e a leitura como parte integrante da educação nas Escolas Modernas. A literatura infantil desempenhava um papel educacional importante naquela época. Móveis e mobiliário, como carteiras, quadros-negros, estantes e mesas, mostram a preocupação com a organização do espaço de aprendizado e a criação de um ambiente propício para o ensino e a aprendizagem. Elementos culturais e ideológicos são representados pela presença do quadro com o retrato de Ferrer, o fundador do movimento. Isso possivelmente servia como um símbolo de inspiração e referência ideológica para os alunos.

Recursos recreativos, como o jogo de barra fixa e o aparelho de balanço, indicam a importância do recreio e do tempo livre na rotina escolar, promovendo atividades físicas e recreação para os alunos. Recursos de escrita, como cadernos de caligrafia, giz e escovas para lousa, são essenciais para o ensino e a prática da escrita e da caligrafia. Além disso, a presença de diversos livros em francês sugere a influência cultural e linguística no currículo das Escolas Modernas.

Ao refletir sobre essa tabela, é possível inferir que as Escolas Modernas buscavam oferecer uma educação abrangente e multidisciplinar, valorizando o ensino de ciências,

geografia, literatura e aspectos culturais e ideológicos. Além disso, a inclusão de recursos recreativos e de escrita demonstra uma abordagem educacional que considerava o desenvolvimento integral dos alunos. A tabela, portanto, oferece um vislumbre das prioridades e dos recursos disponíveis nas Escolas Modernas, destacando sua abordagem inovadora para a educação no início do século XX.

Uma das observações notáveis presentes no “Inventário da Escola Moderna nº 1” recai sobre a presença de livros em línguas estrangeiras, notadamente francês e italiano. Entre os títulos mencionados, destaca-se “La Petite Cendrillon,” que corresponde ao renomado conto de fadas “Cinderela,” escrito por Charles Perrault, figura seminal no gênero literário de contos de fadas. Outras obras incluídas são “La Meuniere du Moulin Joli” e “La Fille du Sonneur des cloches,” ambas peças teatrais, respectivamente, de autoria de Anthony March e Albert Capellani. O romance “Rose et Blanche,” escrito por Jules Sand, e a opereta “Ore di Recreazione,” de autoria de Ludovico Guicciardini, também figuram na lista.

A inclusão dessas obras estrangeiras no inventário suscita questionamentos sobre a motivação e o propósito de sua presença no contexto educacional das Escolas Modernas. Uma possível explicação pode ser inferida a partir de um anúncio encontrado no Boletim da Escola Moderna, que fornece um contexto relevante para essa escolha:

Ofereceu-se nos para lecionar inglês e francês nesta escola, o nosso inteligente camarada Cleto Trombette, que apesar de ser originário da Itália, possui boa pronúncia desses idiomas, visto ter residido durante anos na França e na Inglaterra. E, aceito o seu oferecimento, anunciamos hoje a abertura das aulas de francês e inglês, que funcionarão três vezes por semana, das 7 às 9 da noite. O método adotado para o ensino dessas línguas será o mais prático e intuitivo possível, de modo a garantir o aproveitamento dos alunos. (Escola Moderna – Boletim da Escola Moderna n: 1, 13 de outubro de 1918, p. 4)

Os livros de iniciação em ciências naturais (química, botânica, astronomia e zoologia) remontam às raízes das Escolas Modernas de São Paulo, que foram inspiradas pelo pensamento de Francisco Ferrer. Ferrer, por ocasião da inauguração das Escolas Modernas em Barcelona, enfatizou a importância do ensino prático das ciências naturais como uma alternativa ao que considerava uma educação dogmática, buscando uma abordagem pedagógica baseada na razão. Portanto, a presença desses materiais evidencia a continuidade do legado pedagógico de Francisco Ferrer na abordagem educacional das Escolas Modernas em São Paulo:

Basta dar uma olhada para as modestas salas deste estabelecimento iniciante para se convencer de que oferecem condições adequadas para cumprir uma promessa tão valiosa. O material, tão descuidado no ensino de nosso país, tanto oficial quanto particular, se encontra representado na nossa escola por lâminas de fisiologia vegetal e animal, coleções de mineralogia, botânica e zoologia; gabinete de física e laboratório especial; máquinas de projeção; substâncias alimentares, industriais, minerais, etc.; com tais auxiliares e a direção esmerada de professores embebidos pelo espírito de nosso tempo,

como entre outros, o conhecido senhor jornalista Columiber, pode-se esperar que tenha nascido, pelo menos em embrião, a escola do futuro. (GUARDIA, 2014, p. 39)

As Escolas Modernas em São Paulo operavam em condições materiais substancialmente diferentes da Escola Moderna de Barcelona. Elas dependiam do apoio financeiro de associações operárias e de entusiastas do ensino racionalista, inclusive para a publicação de seus periódicos. Além disso, essas escolas funcionavam em instalações de menor porte e recursos mais limitados. No entanto, isso não as impediu de buscar proporcionar atividades práticas e experiências educacionais significativas.

Dadas as limitações financeiras e a ausência de “laboratórios especiais e lâminas de fisiologia”, uma alternativa encontrada pelas Escolas Modernas de São Paulo foi a realização de passeios pela cidade. Nesse contexto, os professores desempenhavam um papel fundamental ao transformar o ambiente urbano em um espaço de aprendizado. Eles buscavam aproveitar a natureza circundante, incluindo espécimes vegetais e até mesmo um cadáver de animal, como oportunidades de ensino prático e vivencial. Essas práticas refletem o compromisso das escolas em fornecer uma educação enriquecedora, mesmo em meio a recursos limitados, demonstrando uma abordagem pedagógica que valorizava a experiência direta e o aprendizado contextualizado.

Um passeio a margem do Rio Tietê – No sábado, dia 6 de março, nós nos reunimos todos as 7 horas da manhã na nossa Escola e cantamos os hinos “A Mulher” e o “Primeiro de Maio”. Depois de meia hora saímos e descemos a Rua Catumbi, tomamos a travessa de mesmo nome, fomos pela Rua dos Prazeres, descemos a Rua Cachoeira e seguimos uma rua cujo nome eu não sei. Eu vi pelo caminho uma pontesinha na travessa da Rua Catumbi. Lá o nosso professor nos explicou que os troncos da taquara se chamam rizona e que esses troncos caminham por debaixo da terra. Ao chegarmos no Rio Tietê vimos barcas dentro e fora do rio. Um menino estava nadando vestido de calças no meio do rio. Vimos as barcas no meio do Tietê e também uns meninos caçarem peixes. Depois brincamos de Caracol e de Ciranda-Cirandinha. O João Bento, o Bruno, o Ernesto, o Carlos Chiesa e o Abílio Bento recitaram. Na ida vimos um cavalo morto e o Miniere botou flores em cima dele. O professor disse que o Miniere fez bem de botar flores em cima do cavalo morto. Na volta o professor nos mandou pegar uma varinha com flores e pegamos também taquaras de bambu. O Abílio Bento fez um estoque para mim. Na ida e na volta nos sentamos em cima dum ventilador de esgoto. Chegamos à nossa Escola quando faltavam 25 minutos para as dez horas. Depois o professor nos deu os cadernos e fomos embora para nossas casas. EDMUNDO. (Escola Moderna - O INÍCIO Nº 2, 04 de setembro de 1915, p. 2)

Os passeios escolares representavam um momento em que as práticas pedagógicas das Escolas Modernas de São Paulo se alinhavam mais de perto com os princípios fundamentais do Racionalismo Humanitário de Ferrer. Por meio dessas atividades, tornava-se evidente a influência das crenças educacionais baseadas nesse movimento, que buscava substituir os métodos tradicionais de ensino por uma abordagem mais holística e centrada

no aluno. Nesse contexto, os professores se esforçavam para estimular o conhecimento dos estudantes, envolvendo todos os sentidos no processo educacional.

Esses passeios escolares não se limitavam a transmitir informações teóricas, mas proporcionavam experiências práticas e sensoriais, permitindo que os estudantes explorassem o mundo ao seu redor de maneira direta. Essa abordagem pedagógica refletia a visão de Francisco Ferrer de uma educação que valorizava a aprendizagem ativa e a participação dos alunos, em contraste com o ensino tradicional, que muitas vezes era mais passivo e baseado na memorização. Portanto, os passeios escolares nas Escolas Modernas de São Paulo representavam uma manifestação concreta do compromisso dessas instituições em proporcionar uma educação mais envolvente e significativa.

É desnecessário, por conseguinte, dizer que na Escola Moderna todos os conhecimentos de caráter científico terão representação proporcional, servidos pelos métodos mais progressivos que a Pedagogia conhece hoje, assim como pelos instrumentos e aparatos que são os ramos da ciência e o meio condutor mais potente para trabalhar na inteligência dos educandos. Como a fórmula mais sucinta pode-se dizer que as lições de coisas substituirão ali as lições de palavras, que tão amargos frutos têm dado na educação de nossos compatriotas. (GUARDIA, 2014, p. 39)

É importante reconhecer que, apesar dos esforços em promover uma educação mais envolvente, baseada na observação e em lições práticas, o cotidiano das Escolas Modernas também parece ter incorporado métodos tradicionais de ensino. Esses métodos, que ainda persistem nas salas de aula contemporâneas, faziam uso de materiais que permanecem insubstituíveis até os dias de hoje, como o lápis e o quadro negro.

Embora as Escolas Modernas tenham buscado introduzir uma abordagem mais prática e sensorial no ensino, é evidente que elementos tradicionais da educação, como a escrita com lápis e a utilização do quadro negro para apresentações, ainda desempenhavam um papel significativo no processo de ensino-aprendizagem. Essa coexistência de abordagens pedagógicas tradicionais e inovadoras talvez reflita os desafios de implementar completamente uma educação baseada no Racionalismo Humanitário em um contexto educacional mais amplo e arraigado em métodos convencionais.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise detalhada da materialidade das Escolas Modernas em São Paulo revela a riqueza e a complexidade desse movimento educacional único. Essas instituições, inspiradas pela visão pedagógica de Francisco Ferrer y Guardia, desafiaram as normas tradicionais da época e buscaram criar um ambiente educacional inovador. A materialidade das escolas, representada por uma variedade de objetos e recursos, desempenhou um papel fundamental na formação da experiência educacional dos estudantes e nas práticas pedagógicas adotadas.

A presença de objetos como livros em francês e italiano, globos geográficos, mapas

e recursos para o ensino de ciências naturais reflete a diversidade curricular das Escolas Modernas. Esses elementos evidenciam o compromisso dessas instituições com uma educação abrangente que valorizava não apenas o conhecimento acadêmico, mas também a sensibilidade cultural e científica.

As práticas pedagógicas das Escolas Modernas, que combinavam métodos tradicionais com abordagens mais inovadoras, como os passeios escolares, ilustram o esforço dos educadores em proporcionar uma educação mais significativa e centrada no aluno. Os passeios escolares, em particular, refletiam a tentativa de transformar o ambiente em sala de aula, estimulando os sentidos dos estudantes e promovendo uma aprendizagem prática e sensorial.

Ao investigar os objetos, mobiliários, equipamentos e materiais didáticos presentes nesse contexto, somos convidados a mergulhar nas profundezas de uma experiência educacional que desafiou as normas estabelecidas de sua época e que, de muitas maneiras, continua a inspirar debates e reflexões sobre o ensino e a aprendizagem até os dias atuais.

Uma das características mais notáveis das Escolas Modernas em São Paulo é a presença de materiais educacionais em francês e italiano. Essa escolha deliberada de incorporar elementos linguísticos e culturais estrangeiros reflete uma abertura para influências globais, destacando o compromisso dessas escolas com uma educação que transcende fronteiras e abraça a diversidade cultural. A introdução de obras literárias de autores renomados, como Charles Perrault e Jules Sand, assim como peças de teatro, demonstra uma abordagem holística da educação, incentivando o desenvolvimento literário e cultural dos alunos.

Os passeios escolares emergem como uma faceta intrigante da pedagogia das Escolas Modernas em São Paulo. Eles serviram como uma tentativa inovadora de transformar o ambiente circundante em uma sala de aula em si, proporcionando aos alunos experiências práticas e sensoriais que enriqueceriam sua compreensão do mundo. A ênfase na exploração ativa, na observação direta e na participação ativa durante essas atividades evidencia a intenção das escolas de não apenas transmitir conhecimento, mas também incitar a curiosidade e a investigação. Esses passeios revelam como as escolas buscaram criar uma educação que estivesse intimamente ligada à realidade do aluno, que fosse relevante e que promovesse uma compreensão profunda dos assuntos estudados.

No entanto, é fundamental reconhecer que as Escolas Modernas de São Paulo também enfrentaram desafios consideráveis. A falta de recursos financeiros e infraestrutura adequada limitou suas capacidades e os obrigou a encontrar soluções criativas. A coexistência de métodos pedagógicos tradicionais, como o uso do quadro-negro e do lápis, ao lado de abordagens progressistas, ressalta a complexidade dessas instituições. Embora tenham se esforçado para implementar uma pedagogia centrada no aluno, tiveram que lidar com a realidade da educação em um contexto muitas vezes adverso.

Ao encerrar nossa exploração da materialidade das Escolas Modernas em São

Paulo, somos confrontados com uma série de reflexões relevantes para a educação contemporânea. As lições que podemos extrair dessa experiência histórica podem iluminar o caminho para abordagens mais eficazes e inclusivas no ensino e na aprendizagem. A busca por uma educação que valorize a experiência prática e sensorial, que promova a curiosidade e a investigação ativa, e que transcenda fronteiras culturais, continua a ser uma preocupação fundamental para educadores em todo o mundo.

À medida que avançamos no século XXI, é crucial que nos inspiremos nas experiências das Escolas Modernas e que busquemos adaptar seus princípios fundamentais aos desafios e oportunidades de nosso tempo. A materialidade dessas escolas não é apenas um registro histórico, mas também uma fonte de inspiração para moldar o futuro da educação. Portanto, ao olhar para trás, encontramos motivação para avançar, aproveitando o espírito visionário dessas instituições pioneiras para criar ambientes de aprendizagem mais envolventes, inclusivos e relevantes para as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

A LANTERNA n° 001, 17 de outubro de 1909

A LANTERNA n° 007, 27 de novembro de 1909

Boletim da Escola Moderna n° 1, 13 de outubro de 1918.

Boletim da Escola Moderna n° 3 e n° 4, 01 de maio de 1919.

Escola Moderna - O INÍCIO n° 2, 04 de setembro de 1915.

Escola Moderna - O INÍCIO n° 3, 19 de agosto de 1916.

GUARDIA, Francisco Ferrer. **A Escola Moderna**, São Paulo, Terra Livre, 2014.

JUNIOR, Laerthe de Moraes Abreu. **Apontamentos para uma metodologia em cultura material escolar**. Proposições, v. 15, n. 1, 2005.

KNEVITZ, M., **A Voz do Trabalhador e a articulação do movimento operário Brasileiro (1908-1915)**. Rio Grande do Sul, Editora Pucrs, 2019. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/ephis/assets/edicoes/2019/arquivos/18.pdf>, acesso em: 03 de janeiro de 2022.

LAWN, Martin. GROSVENOR, Ian. 'When in doubt, preserve': exploring the traces of teaching and material culture in English schools, **History of Education: Journal of the History of Education Society**, 2001

LUIZETTO, Flávio. - **Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional - 1900/1920**. São Paulo, FFLCH/USP, 1984

PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael. **A Classe Operária no Brasil: Documentos (1889 a 1930)**. Vol. I – O Movimento Operário. São Paulo: Alfa Omega, 1979.

SILVA, F. P. **Cultura Material Escolar: Uma abordagem histórica.** Revista Brasileira de História da Educação, n. 15, p. 1-24, 2015

VIANNA, H. M. **Cultura material escolar: um olhar sobre a cidade do Rio de Janeiro no século XIX.** Cadernos de História da Educação, v. 7, n. 2, p. 51-76, 2008